



**Ana Paula Alves Ribeiro**  
**André Luiz Porfiro**  
**Nilton Santos**

## Apresentação

\* Professora Adjunta do Departamento de Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ. Faz parte da coordenação colegiada do Museu Afro Digital Rio (UERJ). Email: [anapalvesribeiro@gmail.com](mailto:anapalvesribeiro@gmail.com)

\*\* Diretor Técnico da FENIG - Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu. Doutorando em Educação (UERJ). Atua na Educação Superior a distância, como professor-tutor, no Projeto CEDERJ/UAB/UNIRIO. Email: [aporfiro@gmail.com](mailto:aporfiro@gmail.com)

\*\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA). Vice coordenador do Núcleo de Estudos em Artes, Ritos e Sociabilidades Urbanas - NaRUA/UFF. É também vice-coordenador e professor do Curso de Especialização em Antropologia e Desenvolvimento Cognitivo - UFF/FRM. Email: [ninisants@gmail.com](mailto:ninisants@gmail.com)

## Arte do Carnaval Art of Carnival

Ana Paula Alves Ribeiro\*, André Luiz Porfiro\*\* e Nilton Santos\*\*

O dossiê *Arte do Carnaval* reúne, a partir da multiplicidade de interpretações e entradas oferecidas por esta festa, artigos que nos convidam a refletir sobre os processos e fazeres do carnaval, suas circulações e fronteiras, sua economia, estética e visualidade. Contempla, assim, os carnavais do Brasil e outros carnavais, seu patrimônio e registro por linguagens e ângulos diversos em um diálogo entre pesquisadores(as) e artistas que capturaram imagens do carnaval.

Em “Memoria LGBTI del Carnaval de Barranquilla: Las artes viven en los archivos”, Danny Armando González Cueto intenta reconstruir a memória de artistas transformistas e *drag queens*, utilizando-se de entrevistas em profundidade e de pesquisa em arquivos, remetendo ao trabalho realizado pela antropóloga norte-americana Esther Newton. A investigação seguiu a metodologia desenvolvida por Elkin Naranjo Yarce e Walter Bustamante Tejada no estudo da memória do travestismo na Colômbia, além de recorrer aos materiais audiovisuais e de curadoria museológica disponíveis. González ainda realizou levantamento na imprensa colombiana, entre 2000 e 2015, para compreender como os periódicos vocalizavam a expressão performática e visual na participação dos carnavais.

No artigo “Drama, *Performance* e Experiência: O desfile de carnaval do maracatu Nação Iracema”, as autoras Danielle Maia Cruz e Lea Carvalho Rodrigues interpretam o desfile carnavalesco dos maracatus, na cidade de Fortaleza, a partir das noções de drama, *performance* e experiência formuladas por Victor Turner e Richard Schechner. Analisando a agremiação Nação Iracema, as autoras entenderão o carnaval como drama social e drama estético, constituindo assim a “vida como espelho da arte”, *locus* no qual os desfiles permitem a vivência destas múltiplas dimensões. Ademais, as pesquisadoras tencionam contribuir para os debates clássicos no campo da antropologia em torno da oposição entre indivíduo e sociedade, rituais e estudos de performance.

Tetê Silva, em seu ensaio fotográfico e entrevista “Na Pista e no Morro com o Balanço do Jamelão”, acompanha o carnaval do bloco Balanço do Jamelão, no bairro do Andaraí, Zona Norte do Rio de Janeiro. O fazer comunitário e familiar deste bloco, os diálogos e mediações para que o mesmo consiga desfilar no carnaval, sua saída e circulação pelo morro e pelo bairro se constroem explicitamente na narrativa fotográfica e na corporalidade dos foliões. Sair “lá embaixo”, “sair lá no alto”, ocupar as ruas é imperativo como forma



de existência e sociabilidade entre os moradores que constroem este carnaval familiar em muitos sentidos.

Ulisses Corrêa Duarte, no artigo “Do Rio de Janeiro aos Pampas: Tempo ritual, competição e circulação profissional do samba entre carnavais”, analisa o carnaval de Uruguaiana, na região dos pampas gaúchos, em suas múltiplas interações com a fronteira política do Brasil com Argentina e Uruguai. Chamando a atenção para o “calendário estendido” do carnaval de escolas de samba da região, o autor acompanhará os fluxos e intercâmbios econômicos e socioculturais que ocorrem entre o Rio de Janeiro e os carnavais dos pampas. Dois mediadores envolvidos no processo, a coreógrafa Cristina Fernandez e o intérprete de sambas de enredo Igor Sorriso, ganharam destaque na análise empreendida por sua importante participação nos distintos fluxos e intercâmbios.

Cristiano Cardoso e Maria Alice Rezende Gonçalves, no artigo “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua: Foliões, o carnaval de rua e a fotografia na exposição *Festa brasileira: fantasia feita à mão*, do CRAB”, perseguem a presença da arte do carnaval, principalmente os blocos carnavalescos, e a relação com as imagens (fotográficas) na exposição *Festa brasileira: fantasia feita à mão*, realizada no CRAB. Exposta por quase um ano, atraindo visitantes de todo o país, *Festa brasileira* apresenta o carnaval, e suas escolhas curatoriais marcam os caminhos dessa folia: um fotógrafo mergulha em um projeto levando o lambe-lambe e a fotografia em preto e branco para o registro de foliões em uma festa de rua que se

transforma e se moderniza. Um barracão de escola de samba é levado ao espaço expositivo numa instalação fluida e contínua, como o próprio desenvolvimento do carnaval ao longo do ano. Um coletivo fotográfico tem como projeto acompanhar os blocos do Rio de Janeiro e registrar os foliões que são artistas do seu próprio carnaval na elaboração e criação de suas fantasias. O encontro destes três elementos traz outras possibilidades de aproximação para quem visita a exposição, convidando à experimentação. Pontuamos aqui situações trazidas pelo artigo que demonstram uma certa centralidade da festa e a mobilização dos foliões e do público em torno da exposição nos aproxima da construção dos carnavais.

Já André Luiz Porfiro, em “Da Artificação do Desfile das Escolas de Samba à Sala de Aula como Barracão do Fazer: Histórias e saberes da arte do carnaval”, ao trazer o carnaval e sua dimensão artística para a sala de aula, aponta para as inúmeras possibilidades de diálogos com as artes do carnaval. Se muitas vezes os sambas enredos são utilizados no diálogo e nos planos de aula de disciplinas como geografia, história e português, Porfiro, em sua investigação, aposta nos processos de circulação de saberes e suas ressignificações, dos barracões das escolas de samba até o ensino de artes para o ensino médio, mostrando que o caminho da construção artística e coletiva do carnaval também pode ser pensada e realizada pelos jovens estudantes.

O ensaio fotográfico “Caminhos do Carnaval: A folia em construção”, de Roberta Mathias, é um tríptico de imagens de



sagração à efemeridade da paisagem da cidade do Rio de Janeiro nos dias de carnaval. O transcurso do tempo e do espaço é colocado em instantes que nos levam “aos trajetos não esperados do carnaval”. A escada da estação do metrô, com seus arcos de metal e desfilantes fantasiados, faz alusão a um esboço de um carro alegórico futurista, enquanto a paisagem presente da Central do Brasil marca a concentração e a espera da Estátua da Liberdade do desfile da Escola de Samba Portela. É a reconfiguração dos trajetos da cidade como se fossem estruturas desmontáveis de uma alegoria.

No artigo “Arte de Protesto em Enredos do Grupo Especial Carioca: Paraíso do Tuiuti e Beija-Flor, 2018”, os autores (Carlos Eduardo Silva & Fátima Costa de Lima) saltam por épocas, enredos e letras de samba numa visão ampliada, para criar o contexto de análise dos desfiles da Beija-Flor e Paraíso do Tuiuti no ano de 2018. Ressaltam a possibilidade de associação da arte do carnaval com a poética da liminaridade “considerando a situação da sua elaboração num ambiente de exclusão socioeconômica”. Compõem uma bricolagem de enredos de protesto que na repetição temática se “potencializa como eco de anseios similares”. No artigo há dinâmicas variadas, pois, como nas escolas de samba, nas quais a continuidade é o mote, “não cabe concluir, e sim reiniciar os trabalhos” para o carnaval, ou para o artigo seguinte.

Considerado o centro do desfile carnavalesco das escolas de samba, o carro alegórico aparece em abordagens diferenciadas, fechando o dossiê.

Em “O Diálogo entre Modos de Fazer e Modos de Impor: O desafio da fronteira entre arte e engenharia nos carros alegóricos do carnaval carioca”, de Júlio César Valente Ferreira, os limites da arte do carnaval são testados. Em consequência dos acidentes verificados no desfile das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro no ano de 2017, órgãos de fiscalização, normatização e verificação de conformidades, através de veículos da imprensa, informaram que começariam a atuar na regulamentação dos projetos e da montagem das alegorias carnavalescas cariocas. Ao acompanhar o movimento das reuniões para enquadrar a confecção dos carros alegóricos, o autor, que é engenheiro mecânico, desvela a incapacidade da empreitada e afirma o artefato como objeto artístico.

Edson Farias, Ana Paula Alves Ribeiro e André Luiz Porfiro constroem uma narrativa em três camadas sobrepostas e complementares pelos percursos realizados pelos carros alegóricos em “Você! Viu um carro alegórico, aí? Em Busca das Mediações Socioculturais de um Artefato Artístico”. A primeira é uma camada etnográfica na perseguição do artefato artístico entre a Cidade do Samba e o Sambódromo, em um trajeto pelas ruas do Centro da cidade do Rio de Janeiro, com suas paisagens e personagens. Em seguida, empreendem uma análise histórico-visual da alegoria carnavalesca até o despontar como objeto central no desfile das escolas de samba. Por fim, apresentam a genealogia do carro alegórico através dos seus artistas criadores.



**Ana Paula Alves Ribeiro**  
**André Luiz Porfiro**  
**Nilton Santos**

As dimensões das pesquisas aqui publicadas demonstram a vitalidade do carnaval e de seus/suas artistas. Agradecemos a todas

e todos que contribuíram com o dossiê e esperamos que tenham uma boa leitura!